

“ A Cultura é força libertadora, é semente de rega conjunta!” –

Comunicação da Professora Teresa Bracinha Vieira

Ex.mo Sr. Primeiro Ministro da Guiné-Bissau;

Ex.mo Sr. Dr. Murade Murargy (actual Secretário Executivo da CPLP) Sr.

Embaixador;

Ex.mas autoridades

Civis, Militares e Académicas;

Minhas Senhoras e Meus Senhores

É com elevado apreço que tomo a palavra para saudar todos os notáveis presentes no lançamento deste livro, e desde já agradecer o amabilíssimo convite que me foi dirigido para prestar palavra.

A cooperação para a Cultura é igualmente objectivo crucial da CPLP, verdadeiro desafio de fundação do futuro, e direi mais, missão-chave ao diálogo e ao trabalho, a um trabalho que diz da alma o desejo de viver em conjunto, pois que constitui chave bastante que abre a porta que convida e sempre convidará ao conhecimento.

A CPLP tão decisiva, tão seguramente desafio, para um novo modo de reconstrução das nossas relações com esse mesmo mundo, um mundo pleno

de culturas que se desconhecem entre si, diga-se, mas todas de um modo ou de outro garimpeiras de olhares que ouvem e querem cumprir a ordem de servir.

E nesta ordem de servir é mensageira uma língua miscegenada, uma língua intercultural, e que cresceu através de um diálogo também geográfico, **mas num mapear constante e novo**, num dar à luz em permanência, e assim se compreender o quanto um mapa, também ele sente o apelo à liberdade mesmo àquela que se inicia afinal fora do nosso alcance.

Andrey Tarkovsky – produtor do célebre filme “Esculpir o tempo” dizia

Sinto que se a arte /a cultura tem um dever , é lembrar ao homem que é um ser espiritual, que é transportado por um espírito infinitamente grande ao qual, enfim, acaba por regressar.

Assim penso e **nós não somos os que vêm depois, nós somos os que estamos agora,** também vinculados à fidelidade absoluta do humanismo, por **muito trágica que seja a complexidade da vida humana.**

Os homens, tornaram-se, facilmente cúmplices morais de sistemas de barbárie, e desuniram-se na paixão de ler o mundo.

O individualismo tem rota fácil no fazer frente à parca resistência espiritual, e o seu adorno totalitário entra no espaço-mundo de cada um, provocando nele as confusões que, irónicas, se viram contra a cultura, colocando-a numa subcultura ou numa triunfante pós-cultura não reconhecendo o poder da **fantástica utopia da palavra.**

Necessário se torna, contudo, assumir coresponsabilidades de todos pela falta em favor do bem comum.

Inconsiderações de comportamentos não acodem a quem quer ser respeitado como Pretor Peregrino, não se empenhando nomeadamente em criar um capital humano saudável, contribuindo para erradicar a fome, sendo o direito humano à alimentação, o bem base, enquanto direito à vida, e não à subsistência, e em relação ao **qual todos somos devedores.**

De resto, a ausência da relação entre cultura e alimentação leva aos constantes conflitos civis e políticos que dizimam, o que **resta de humano na humanidade.**

Amartya Sen (prémio Nobel, como todos sabem) em parte pelo seu trabalho de demonstrar que a fome, nos tempos modernos, não é tipicamente o produto

de uma falta de alimentos, mas sim, frequentemente gerada a partir de problemas nas redes de distribuição de alimentos ou de políticas governamentais nos mundos em deficientes desenvolvimentos, afirmou:

“Vivemos num mundo de opulência sem precedentes, mas também de privação e opressão extraordinárias. O desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente a sua condição de cidadão”

Direi com Steiner que a fome será, provavelmente, o maior problema político e moral.

E que dizer então dos alimentos presentes na poesia, na música, nos contos das culturas!

O desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração actual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras, significa possibilitar que as pessoas, **agora e no futuro**, atinjam um nível satisfatório de desenvolvimento social, económico e de realização **humana e cultural.**

E repito :

Necessário se torna, contudo, assumir coresponsabilidades de todos pela falta em favor do bem comum.

Se me permitem, gostaria de tirar tempo ao tempo que me foi proposto e de ambos os tempos, fazer um tempo em que vos posso dizer, tal como se pode dizer um sentimento, que seria meu desejo, desejoso, o de colocar semente que aguarda rega conjunta de uma vida a viver partilhada, pelo fascínio de um passado e de um futuro comuns e diferentes na pluralidade de todos sermos eternos discípulos.

A cultura procura terra firme e é também um ideal de oralidade, de diálogo frontal, mas nunca registo imóvel e mudo num documento que seria de inevitável falsificação à evolução.

As afinidades íntimas das artes, os tratados dos mestres, as declamações dos poetas, o esclarecimento da música, a certa cor da tinta num quadro, uma tosca bicicleta construída pela força dos sonhos, os arcos que rodam não sendo redondos, a gargalhada solta da criança, tudo, tudo é fermento seminal. Tudo é vestígio de entendimento de carácter revelado e multicultural.

Existe aqui, registre-se, uma continuidade milenar do homem, porventura a que chamamos, sempre provisoriamente:

a cultura.

O problema é que sabemos de mais e de menos sobre figuras como Pitágoras ou Parménides. O problema da argumentação cosmológica, metafísica e lógica e as ideologias subjacentes, chegaram-nos em fragmentos, e permaneço incerta quanto ao verdadeiro sentimento que transporta até lá onde é esperado, um abecedário de amor e compreensão pelos seres.

Creio que a falta de muito empenho, também no que respeita ao caminho da cultura, reside na falta de afecto, nunca devidamente privilégio de quem o toma nas mãos e o oferece pelo coração.

Outras rotas foram abertas antes das que respeitam ao humano. Muitos extremos foram justificados por indiferença ao sofrimento, muitas torturas ainda hoje estão proibidas nas leis pois que continuam na verdade a existir e a serem praticadas. Quantas vezes o manual dos direitos do homem é o mesmo que o manual dos direitos violados a esses mesmos homens?

Raramente nos distanciámos o suficiente para reflectirmos, sobre a análise de valores comuns ou díspares e, entendê-los, pois que imersos estamos, em formas de ensino elementar, técnico ou moralista, assentes, quantas vezes, numa dose de falsidade que assim não entenderá o mistério da função.

E dentro do mistério da função há que expurgar a fonte da autoridade autoritária, que tão bem sabe demolir a esperança e a solidariedade, tão bem sabe criar dependências vampirizando almas aprendizes minando confianças depositadas. Minando o poder libertador de um núcleo de culturas.

E volto a dizer nós não somos os que vêm depois, nós somos os que estamos agora

Creio que se falarmos em cultura, nunca é demais dizermos o quanto ela é o processo de interacção, de osmose verdadeira, se não se esquecer nunca o quanto discípulos e mestres no instruir, aprendem, e estas densidades geram sentires, amizades de elevado sentido.

O desvelar, o desvendar de verdades, faz de todos ouvintes e mensageiros, inspirados na validação da essência de uma cultura que tudo é, que tudo pode descodificar e que muito é capaz de exemplificar.

Existe sim, uma mão que aproxima a outra do teclado do piano.

Existe sim, uma conduta que é mais música do que o piano que a toca.

É afinal a cultura, como nos diz Paul Celan “ um ser mais eu quando sou tu”.

Resultará a cultura também de um chamamento interior e nato a cada um?

E pergunta o profeta à voz que o interpela, pelo entendimento de Ovídio, recordemos as palavras:

O seu pensamento

ascendia às alturas, aos grandes deuses do Céu,

e a sua imaginação contemplava visões além da vista mortal. todas as coisas estudava com mente atenta e ávida, e levou para casa

o que tinha aprendido e sentou-se entre os homens

ensinando-lhes o que era digno, e eles escutaram-no

em silêncio...

Assim li quando escrevi o poema “ Africa-Mulher-Mãe de Consistência” tentei dizer o quanto o mundo é uma universidade de sentires o quanto o mundo pode ser Mulher- Mãe de consistência total.

Acrescentaria ainda que o enriquecimento com causa é sempre bem-vindo quando interpreta os próprios consensos sociais, refiro-me à cultura, no seu cerne, que faz a paz entre os homens, que enriquece o poder da memória e nos faz sentir em menores solidões.

A cultura é a nossa base de dados que constantemente reactualizamos.

A cultura permite o esquecimento e permite o saber que existe um conhecimento inútil.

E repito: Nós não somos os que vêm depois, nós somos os que estamos agora

Minhas senhoras e meus senhores,

Gostaria ainda de realçar o empenho, a importância do esforço conjunto, até hoje, um tanto empurrado de todos e para todos no que à cultura respeita enquanto objectivo primordial da CPLP.

E recordo aqui o dia em que a cultura dizia a um pobre menino enquanto lhe dava a indispensável refeição:

« Tu tens uma espécie de paisagem interior meu menino, onde está lá tudo, como as árvores na terra, os pássaros no ar, os cheiros das flores que reconheces, os peixes que já viste e os novos anos que tanto desejarias viver tranquilamente...»

E o menino adormeceu.

Depois a sabedoria suprema embalou o menino no seu dormir, enquanto acrescentava baixinho que conhecia uma receita, receita, que muito

mudaria os anos no mundo, e que Drummond de Andrade a dissesse algo assim:

RECEITA DE ANO NOVO

**Para você ganhar belíssimo Ano Novo (neste mundo)
cor do arco-íris, ou da cor da sua paz,
Ano Novo sem comparação com todo o tempo já vivido
(mal vivido talvez ou sem sentido)
para você ganhar um ano novo
não apenas pintado de novo, remendado às carreiras,
mas novo nas sementinhas do vir-a-ser;
novo
até no coração das coisas menos percebidas
(a começar pelo seu interior)
novo, espontâneo, que de tão perfeito nem se nota,
mas com ele se come, se passeia,
se ama, se compreende, se trabalha,
você não precisa beber champanha ou qualquer outra birita,
não precisa expedir nem receber mensagens
(planta recebe mensagens?
passa telegramas?)
Não precisa
fazer lista de boas intenções
para arquivá-las na gaveta.**

**Não precisa chorar arrependido
pelas besteiras consumadas
nem parvamente acreditar
que por decreto de esperança
a partir de Janeiro as coisas mudem
e seja tudo claridade, recompensa,
justiça entre os homens e as nações,
liberdade com cheiro e gosto de pão matinal,
direitos respeitados, começando
pelo direito augusto de viver.**

**Para ganhar um Ano Novo neste mundo
que mereça este nome,
você, meu caro, tem de merecê-lo,
tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil,
mas tente, experimente, consciente.
É dentro de você que o Ano Novo
cochila e dorme e o espera desde sempre.**

Muito obrigada

M. Teresa Bracinha Vieira

Lisboa 6 de Novembro de 2014